

## **O Organizar da Estética Espacial: Uma História Táctil da Praça dos Leões**

### **Spatial Aesthetics Organizing: A Touch History of the Lions Square**

#### **Ana Sílvia Rocha Ipiranga**

Doutora em Psicologia do Trabalho e da Organização pela *Università degli Studi di Bologna* (Itália)

Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Av. Paranjana, 1700, Campus do Itaperi – Fortaleza – CE

**E-mail:** ana.silvia@pq.cnpq.br

#### **Luma Loïuse Sousa Lopes**

Mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Professora substituta do Curso de Administração da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Av. Paranjana, 1700, Campus do Itaperi – Fortaleza – CE

**E-mail:** lumalouise@gmail.com

#### **Resumo**

Esta pesquisa teve como objetivo compreender o organizar de práticas cotidianas, sob o ponto de vista da estética espacial de uma praça localizada no centro histórico da cidade de Fortaleza. O procedimento metodológico foi conduzido com uma consciência estética e engajado em diferentes espaços e momentos históricos temporais. Para isso foi constituído um acervo através do levantamento de documentos em diferentes arquivos. A fim de se obter as histórias e construir os relatos foram usados diferentes métodos, entre estes: a etnografia de rua, o *shadowing*, imagens fotográficas e entrevistas. As histórias narradas enfatizaram o retorno no tempo de práticas memoráveis referentes as "Festas dos Pretos". A experiência de participar da "Festa dos Pretos" criou/cria fronteiras entre diferentes espaços no decorrer do tempo, atualizando-se até os dias de hoje. Por fim, discutiu-se sobre uma politização estética organizadora das práticas na Praça dos Leões a partir dos desvios históricos evidenciados pelas "Festas dos Pretos".

**Palavras-chave:** Práticas, Espaço; Estética; História, Cidades.

## Abstract

This research aimed to understand the everyday practices organizing, from the spatial aesthetics point of view in the square of Fortaleza city. The methodological procedure was conducted with an aesthetic awareness and engaged in different spaces and historical moments. For it was composed a collection by surveying documents in different archives. In order to get the stories and build the tales were used different methods, among them: the street ethnography, the shadowing, photographic images and interviews. The stories and tales emphasized the return time of memorable practices regarding the "Black Party." The experience of participating in the "Black Party" created / creates boundaries between different spaces over time, updating up to the present day. Finally, it was discussed on an organizing aesthetic politicization of practices in the Lions Square from historic deviations evidenced by the "Black Parties".

**Keywords:** Practice; Space; Aesthetics; History; Cities.

## 1 Introdução

O aporte teórico desse estudo concentrou-se nas discussões relacionadas aos espaços, a estética e as práticas cotidianas que estão cada vez mais articulando diferentes análises no campo dos estudos organizacionais. Nessa linha, alguns estudiosos têm evidenciado os poucos estudos acerca do organizar de práticas cotidianas e suas relações com a sócio-materialidade, tendo como eixo epistemológico de orientação os processos (Cooper, 1976; Dale; Burrell, 2008; Hernes, 2003).

Taylor e Spicer (2007 p. 325) criticaram alguns estudos que abordaram o tema do espaço nas organizações como "*neutral settings, fixed, dead and immobile containers*". Nesta mesma linha, Orlikowski (2009) argumenta a favor de uma abordagem alternativa que enfatize o emaranhamento constitutivo do sócio-material na vida cotidiana. A autora sugere que um reposicionamento de nossas suposições convencionais acerca da materialidade nos ajudará a reconhecer o múltiplo, o emergente, reunindo conjuntos sócio-materiais correspondentes e implicando no organizar das práticas.

Halford (2004) discutiu sobre a emergente abordagem de uma sociologia dos espaços organizacionais que se baseia em *insights* da geografia cultural para discutir as formas de compreender as práticas espaciais em micro-espços da vida organizada. Estas formas são construídas através de diversas experiências, memórias e identidades, tendo como lócus de operação diferentes escalas espaciais.

De acordo Beyes e Steyaert (2012) o surgimento desse posicionamento espaço-ontológico está em dívida com as discussões de Lefebvre relacionadas à sua obra '*La production de l'espace*' publicada em 1974. Para os autores, o pensamento espacial de Lefebvre influenciou a onda de novos estudos sobre o que se poderia chamar de '*virada espacial*' (*spatial turn*) nos estudos organizacionais (Dale, 2005).

Contudo, nesse mesmo período, em meados dos anos 1970 e em sincronia com a obra de Lefebvre, Michel de Certeau propôs uma teoria acerca das transformações espaciais na sociedade e na cultura contemporânea. O espaço, em Certeau, nunca é um dado adquirido. É sempre construído. Como um vetor, ele abre e define a dinâmica social que estão em processo e em constante transformação (Conley, 2001).

Por outro lado, Taylor e Spicer (2007) entendem que o espaço organizado é uma experiência vivida e sugerem a articulação com a abordagem da estética organizacional. Segundo Strati (1992) a estética organizacional tem como objetivo compreender como nós experimentamos os espaços organizados através de diferentes artefatos culturais e sensoriais.

Em Certeau (1984) as práticas de espaço revelam formas específicas de operações, outra espacialidade, relacionadas também a uma experiência estética do espaço. Certeau (1984 p.117) coloca em discussão o organizar das práticas de espaços em contextos urbanos, enfatizando que esses processos ocorrem como por “uma espécie de cegueira”. O autor propõe uma cidade metafórica que se insinua além da cidade planejada visível e sugere a detecção de práticas estranhas, em relação ao espaço geográfico de construções visuais.

Giard (2012 p.45) também salientou a sensibilidade estética de Certeau através da sua constante capacidade de maravilhar-se da “inventividade artesanal” e das “festas efêmeras” que “compõem os *patchworks* do cotidiano”. Para Certeau (1984), a ordem da cultura ordinária “é exercida por uma arte”, no sentido duplo de ser exercida e burlada. Dessa forma, “se insinuam um estilo de trocas sociais, um estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral” em prol da valorização da cultura ordinária, envolvendo uma “economia do dom”, uma “estética de lances” e uma “ética da tenacidade” (Giard, 2012 p. 19).

Silva Filho (2006) discutiu sobre os desafios lançados aos habitantes de uma cidade que suscitem diferentes formas de percepção em torno de uma cultura sensível, enquanto uma possibilidade conceitual de estudo do meio urbano. Para o autor, pesquisar formas de sensibilidade pode ampliar o entendimento histórico sobre como os sujeitos vivem e produzem o espaço habitado, tecem o imaginário da cidade, cunham regulações para a existência coletiva, lidam com a potência e limites de seus corpos, como dispuseram, enfim, os estímulos externos como sinas da passagem do tempo vivido. Contudo, o autor lembra que apesar de muito ter sido escrito a respeito dos sentidos do corpo, o tratamento concedido a cada um deles tem sido desigual: “Muitas filosofias referem-se à vista; poucas ao ouvido; menos crédito ainda dão ao tato e ao odor (Serres, 2001 p.20) ”.

No contexto da história dos sentidos, Smith (2007) pontuou que o estudo do tato foi menosprezado por causa de uma dificuldade consensual sobre este sentido. O tato é o mais complexo e mais indiferenciado dos sentidos. A visão, a audição, o olfato e o paladar todos têm órgãos sensoriais específicos com suas específicas funções. Em contrapartida, a pele não é apenas um órgão do sentido, ela serve como a tela sobre a qual nós enxergamos o tato com as suas múltiplas associações culturais.

Nos espaços urbanos, Certeau (1984) caracterizou os caminhantes ordinários como *voyeurs* e *flâneurs* nas ruas da cidade. Com seus corpos, os caminhantes ordinários iluminam suas maneiras de fazer ao escreverem textos urbanos, baseados em um discurso de memórias e práticas, moldados pelas trajetórias que alteram, inventam e praticam os espaços da cidade com suas histórias fragmentárias.

Para além dessa apreensão tátil cinéstica, Certeau (2012 p.136-137) cita Kant (1987) para problematizar que esta arte deambulatória é uma questão de tato (*eine Sache des Takts*), “um tato lógico” (*logische Takt*), um parâmetro de conhecimento prático, que vai além do saber, ao ser intermediado pela faculdade de julgamento, uma prática estética espacial.

A estética espacial se refere a diferentes tipos de conhecimento sensorial enquanto experiências encarnadas (Strati; 1992; Taylor; Spicer, 2007; Ipiranga et al., 2015). Nós experimentamos os espaços, lugares, artefatos e materiais através de nossos corpos e através das faculdades perceptivas de ver, ouvir, cheirar, provar, tocar, caminhar e da capacidade de fazer um juízo estético (Strati, 1992).

Considerando os objetivos dessa pesquisa, destaca-se um conjunto de estudos que utilizaram a abordagem de Michel de Certeau (1984) em diferentes contextos, entre estes, Driscoll (2001) problematizou o lugar a partir do qual se lida com a cultura, iluminando os ‘não produtores de cultura’ no contexto das práticas cotidianas; as discussões de Terdiman (2001) sobre o poder das fronteiras para a sensibilidade histórica e interpretativa e ainda as propostas de Munro e Jordan (2013) e Bavinton (2011) que contemplaram teorizações acerca do poder, resistência e da organização do espaço público. Sugerimos ainda as discussões de Maffesoli

(1997) ao trazerem para a análise as pequenas histórias locais a partir de um ponto de vista estético, enfatizando as emoções comuns e sua eficácia ao expressar um sentido de comunidade ou de 'ligação tribal' (*tribal binding*).

No Brasil, estudos vêm sendo desenvolvidos tendo como base a abordagem de Michel de Certeau, entre estes, citamos os trabalhos que tiveram como foco as discussões sobre estratégias e táticas nas organizações de Murta et al. (2010); Silva, Carrieri; Junquillo, (2011); Carrieri, et al. (2012); inclusive no cotidiano escolar (Oliveira; Sgarbi, 2007; Duran, 2007); os estudos que trabalharam a organização das práticas em diferentes espaços da cidade (Ipiranga, 2010; Marins; Ipiranga, 2015; Ipiranga; Lopes, 2016); as pesquisas que iluminaram as questões acerca da gestão ordinária em negócios familiares (Carrieri, Perdigão; Aguiar, 2014); e, mais recentemente, o artigo que problematizou a história e o cotidiano de Barros e Carrieri (2015).

No entanto e considerando o levantamento realizado nas principais bases de dados são ainda raros os estudos que tiveram como foco, especificamente, a questão da estética espacial, segundo a ótica de Michel de Certeau. A fim de contribuir para o avanço destas discussões, este estudo tem como objetivo compreender o organizar de práticas cotidianas, sob o ponto de vista da estética espacial de uma praça localizada no centro histórico da cidade de Fortaleza.

## 2 A abordagem de Michel de Certeau: as histórias dos espaços e a organização estética espacial

As discussões sobre as práticas espaciais a partir de um ponto de vista estético que foram propostas por Certeau (1984) têm como um dos pontos de partida o retorno para uma história relativa às práticas espaciais memoráveis. Nesse contexto, o autor enfatiza as questões relativas a uma "ciência tática" (uma "lógica") das maneiras de fazer cotidianas (Certeau, 1995) e se questiona como uma força combinatória entre competição e conflito desenvolve um grande número de práticas táticas que organizam os espaços? Certeau (1984) considerou que algumas formas de se pensar sobre as práticas espaciais teria que assumir que estas são do tipo tático, resultando em uma politização das práticas cotidianas.

Certeau (1984) explica que as táticas, estas formas lógicas de operação são "astúcias inteligentes" (*clever tricks*) que os gregos chamavam "méti". "Taking a trick" é uma habilidade de manobra em um contexto no qual se apresentam diferentes condições. Esta produção é também uma "invenção" da memória ou um produto de histórias silenciosas (*silent histories*). A tática é a arte de manobrar, há um senso de continuidade e permanência nessas operações táticas, depende do tempo e de se jogar com os eventos para apropriar-se desses, transformando-os em ocasiões, permitindo que os fracos tirem proveito das forças que lhes são estranhas (Certeau, 1984 p. xvii-xxi).

Certeau (1984 p.118) examinou as práticas cotidianas que articulam estas experiências, enfatizando a distinção entre "espaço" e "lugar", definindo diferentes campos. No lugar, predomina a lei do próprio (*proper*), caracterizando uma ordem baseada em relações de coexistência. O lugar define um conjunto de posições e implica uma indicação de estabilidade. O espaço se conforma quando se leva em consideração vetores de direção, velocidades e tempos variáveis.

Em relação ao lugar, o espaço está situado como um ato presente (*or of a time*), sendo modificado pelas transformações provocadas através de específicos contextos sucessivos. Ao contrário do lugar, o espaço não tem as características de unicidade ou de estabilidade de um "próprio" (*proper*). Certeau (1984 p.117), no entanto, enfatiza que o espaço ocorre como um efeito produzido pelas operações que o orientam, o situam e o temporalizam, atuando entre programas conflituosos e proximidades contratuais, nesse sentido, "o espaço é um lugar praticado".

Esta oposição entre lugar e espaço refere-se, por sua vez, a dois tipos de histórias: i) uma determinada por meio de objetos, do "estar lá" (*being there*), como a lei de um lugar; ii) outra determinada através de "operações" (*operation*) que especificam os espaços pelas ações de agentes históricos (Certeau, 1984 p.118). Entre essas duas determinações existem passagens entre fronteiras, mudando lugares e a estranheza do próprio espaço. Nesse sentido, um movimento sempre parece condicionar a produção de um espaço e a associá-lo com uma história. Portanto, as histórias organizam numerosos conjuntos dessas relações espaciais mutáveis, transformando lugares em espaços e/ou espaços em lugares: "fazer história é uma prática" (Certeau, 2011 p.64).

Certeau (1984 p. 35) também tece uma diferença entre "tática" e "estratégia". A estratégia é o cálculo das relações de poder que se torna possível logo que um sujeito com vontade e poder pode ser isolado. Esta postula um lugar que pode ser delimitado como próprio e serve como a base a partir da qual as relações com uma exterioridade composta de alvos ou ameaças podem ser gerenciadas. Em contraste, com uma estratégia, uma tática é uma ação calculada determinada pela ausência de um lugar próprio. O espaço de uma tática é o espaço do outro. Assim, se joga em um contexto que é imposto e organizado por uma lei e um poder estranho (*foreign*) ao lugar. Em suma, uma tática é determinada pela ausência de poder, assim como uma estratégia é organizada pela postulação de um poder. No entanto, o que as distingue relata sobre os tipos de operações e o papel dos lugares. Estratégias são capazes de produzir, tabular e impor os espaços, quando essas operações ocorrem. Ao passo que as táticas só podem usar manipular e desviar esses espaços.

((Nesse sentido, a diferença entre tática e estratégia corresponde a duas opções históricas em termos de ação e de segurança: i) as estratégias que depositam suas esperanças de resistência que o estabelecimento de um lugar oferece à erosão do tempo; ii) as táticas enquanto uma utilização inteligente do tempo, das ocasiões e das oportunidades que se apresentam no jogo e que se introduzem nos fundamentos do poder (Certeau, 2012 p. 96-87).

Wallack, (1980 p. 276) também ilustrou a forma como as entidades estão emaranhadas nas histórias, enfatizando a "rota de ocasiões" (*route of occasions*). A "ocasião" é um nexo importante em todas as práticas cotidianas.

Conforme ressaltado anteriormente, Certeau (2012 p. 145) ao discutir sobre as "astúcias de inteligência" (Greek's *métis*) identificou três características que as astúcias (*métis*) mantêm com a ocasião. Em primeiro lugar, as astúcias acontecem e jogam em um determinado ponto no tempo, em um tempo não linear, o tempo próprio do mito (*kairós*): é uma prática temporal. Em segundo lugar, as histórias se baseiam na multiplicação das máscaras e metáforas em um desfazer do lugar próprio. Em terceiro lugar, as astúcias desaparecem em sua própria ação, como que perdidas no que fazem, sem uma imagem própria. Estas características das astúcias também podem ser atribuídas às histórias, pois, nessa inteligência prática, existe um nexo teórico entre a narratividade e as astúcias (*métis*).

Nesta relação de forças em que as astúcias (*métis*) intervêm, Certeau (2012 p. 145) distingue um princípio de economia, e que também define uma estética: "a multiplicação dos efeitos pela rarefação de meios é, por motivos diferentes, a regra que organiza ao mesmo tempo uma arte de fazer e a arte poética". No entanto, o que conduz a operação a partir do seu ponto de partida (menos força) para seu destino (mais efeito) implica a mediação de um saber cujas características são: i) a duração no tempo da sua aquisição, pois, a *métis* aponta para um tempo acumulado que lhe é favorável contra uma composição do lugar; ii) a coleção interminável de seus conhecimentos particulares. Este saber é composto por muitos momentos e muitos elementos heterogêneos. Este saber é uma memória que se revela em um momento oportuno, em uma ocasião: "O resplendor dessa memória brilha na ocasião" (Certeau, 2012 p. 146).

Para o autor a memória vem entendida no sentido antigo do termo, que designa uma presença à pluralidade dos tempos e não se limita apenas ao passado. Nesse sentido, Certeau (2012 p. 149) enfatiza que a "memória mediatiza transformações espaciais". Em um determinado ponto no tempo (*kairós*), esta produz nos fundamentos uma ruptura instauradora. Esta estranheza torna possível uma transgressão da lei do lugar. Este esquema pode ser encontrado em muitas histórias e, é, por assim dizer, a sua unidade mínima: "o regresso no tempo que era ignorado pela distribuição espacial dos personagens". A "arte" da memória desenvolve a aptidão para estar sempre no lugar do outro. Essa força não é um poder, mas "autoriza", torna possível uma inversão, uma mudança de ordem ou de lugar: "uma passagem a algo diferente, uma metáfora da prática ou do discurso (Certeau, 2012 p. 151)".

Nesse contexto, Certeau (2012) afirma que a "memória prática" é regulada por múltiplas atividades de alteração, é tocada pelas circunstâncias, a prática metonímica da singularidade, a ser lembrada e jogada através de novas ocasiões: "onde o espaço surge de novo como lugar praticado" (Certeau, 2012 p.198).

Para Certeau (1984 p.115) cada história é uma história de viagem baseada em práticas espaciais. E as táticas cotidianas fazem parte do organizar dessas práticas. As práticas espaciais organizam secretamente as condições determinantes da vida social. Os modos de operação não se limitam apenas a designar atividades. Estes também organizam a sua construção. A organização do espaço cotidiano que pode ser relatado em história é invertida pelo processo que o isolou em um sistema de lugares geográficos. Em uma geografia pré-estabelecida, as histórias cotidianas nos dizem o que se pode fazer neste espaço e o que fazer fora desse espaço geográfico. Estas histórias são tratamentos de espaço. As táticas formam, portanto, um campo de operação, no qual também se produz uma teoria. Estas operações constroem fronteiras que consistem em contratos narrativos e compilações de histórias, que compõem os fragmentos desenhados a partir de histórias anteriores e encaixados de forma improvisada. Neste sentido, essas histórias lançam luzes sobre a formação de mitos com a função de fundar e articular espaços.

Para Certeau (2012 p.191), as formas de conduzir a história oferece um campo muito rico para a análise da espacialidade. Pois, não há espacialidade que não seja organizada pela determinação de fronteiras. Nesta organização do espaço, a história desempenha um papel decisivo: esta descreve, mas esta descrição é "um ato culturalmente criador". O autor ao considerar o papel da história na delimitação de fronteiras, reconhece como anteriormente colocado, que a principal função é a de "autorizar" o estabelecimento, o deslocamento e a superação dos limites em uma dinâmica de espaço. Nesse sentido, as histórias fazem uma travessia no mapa de percursos, o relato "instaura uma caminhada (guia) e passa através (transgride)" (Certeau, 2012 p. 197).

Para o autor, o conhecimento histórico é julgado mais por sua capacidade de focalizar os "desvios", não apenas quantitativos, mas qualitativos em relação às construções formais presentes. O historiador se instala, portanto, nas fronteiras onde a lei de uma inteligibilidade encontra seu limite como aquilo que deve incessantemente ultrapassar, deslocando-se, e aquilo que não deixa de encontrar sob outras formas: "não renunciar nunca à relação que essas 'regularidades' mantêm com 'particularidades' que lhes escapam" (Certeau, 2011 p. 86-87).

Porfim o autor pontua que essas histórias de espaços apresentam duas figuras narrativas essenciais, quais sejam, a da "fronteira" e da "ponte", possibilitando: i) criar um teatro legítimo para ações práticas, com funções de "autorização" e "fundação"; ii) nesse teatro, as histórias são animadas por uma contradição dinâmica entre a fronteira e a ponte, isto é, entre um espaço (legítimo) e sua exterioridade (estranha). Esta contradição é entendida a partir de uma malha de práticas pelas quais os agentes se apropriam dos espaços (Certeau, 2012 p. 191-194).

Nesse contexto, Certeau (2012 p. 195) colocou a questão: a quem pertence à fronteira? Baldry (1999 p. 548) observou que as organizações são feitas de fronteiras territoriais que geram "conflitos espaciais". Nesta linha, Fleming e Spice (2004) discutiram sobre uma "indefinição espacial" (*spatial blurring*) nestes novos processos organizacionais, com o surgimento de "espaços híbridos" (Halford, 2005; Wapshott; Mallett, 2012; Munro; Jordan, 2013), onde as pontes e fronteiras organizacionais são ambíguas e objeto de negociação contínua (Ipiranga; Lopes, 2016). Terdiman (2001) ao discutir a questão das margens em Certeau, enfatiza a importância das fronteiras para a sensibilidade histórica e interpretativa. Para o autor, as fronteiras estão em constante transformação, metamorfoseando topologias e moldando temporalidades. É nas fronteiras onde se materializa significados possíveis, sendo estes significados um efeito dessas fronteiras.

Considerando os objetivos desse estudo, Certeau (2012 p. 133-134) argumenta ainda que essas maneiras de fazer sob a forma de relatos, o retorno dessas práticas na narração está ligado a um fenômeno mais amplo e historicamente menos determinado, o que se poderia designar como "uma estetização do saber", um saber não sabido, implicado no saber-fazer. Este saber é considerado uma espécie de "gosto", ou um "tato" ou mesmo de "gênio", concedido as características de uma intuição que é alternadamente artística, originária, como uma "fonte". A partir das práticas - fragmentos, gestos, efeitos, astúcias, truques, táticas, formas de falar ou de caminhar, encontra-se um saber fundamental e primitivo que precede o discurso iluminado, mas que não tem sua própria cultura e assim, oscila entre os regimes do estético, do cognitivo e dos sistemas reflexivos: "o saber-fazer como um princípio inapreensível do saber" (Certeau, 2012 p. 135).

Considerando estas discussões, alguns autores, como Strati, (1992); Gagliardi, (1990); Taylor e Spicer, (2007) sugerem a abordagem da estética organizacional com o objetivo de compreendermos como nós experimentamos os espaços organizados através de artefatos culturais e sensoriais que levamos para os diferentes espaços em que vivemos, incluindo o cotidiano das cidades. Assim, a compreensão dos aspectos subjetivos da experiência estética através da qual os agentes adquirem o conhecimento sensível é importante, como uma forma de ampliar o entendimento das ações dos agentes nos diversos contextos em que vivem inclusive nas cidades contemporâneas.

Nesse sentido, considera-se que a estética espacial refere-se a diferentes formas de conhecimento sensível enquanto experiências encarnadas (Strati, 1992; Taylor; Spicer, 2007). Nós experimentamos os lugares, artefatos e materiais e construímos os espaços através de nossos corpos e através das faculdades perceptivas de ouvir, ver, cheirar, provar, tocar, do caminhar e da capacidade de fazer um juízo estético (Strati, 1992).

Para se obter uma forma estética, Certeau, (2012 p.136) cita Kant (1987) para discernir um "tato lógico" (*logische takt*) como um parâmetro de um conhecimento prático que vai além do saber: "inscrita na órbita de uma estética, a arte de fazer é colocada sob o signo do juízo, condição 'a-lógica' do pensamento. A tradicional antinomia entre uma 'operatividade' e uma 'reflexão' é superada graças a um ponto de vista que, reconhecendo uma 'arte' na raiz do pensar, faz do juízo um 'meio-termo' (*Mittelglied*) entre a teoria e a práxis. Esta arte de pensar constitui uma unidade sintética entre as duas".

De modo mais geral, pontua o autor, a faculdade de julgamento refere-se sobre a relação de um grande número de elementos que existe somente no ato concreto da criação de um novo conjunto, colocando mais um elemento em uma conexão conveniente com esta relação. A transformação de um dado equilíbrio em outro, caracteriza a arte. Esta pode ser considerada a inventividade incessante de uma espécie de gosto na experiência prática. Esta arte não depende de regras ou modelos, mas é "uma questão de tato" (*eine Sache des Takts*), trata-se de uma habilidade que se afina, mas não se aprende: é um arranjo subjetivo entre o imaginar e o compreender. Este tato que trata do senso ou do juízo comum lacia uma liberdade (*moral*),

uma criação (*estética*) e um ato (*prático*). Três elementos presentes nas táticas cotidianas (Certeau, 2012 p.137).

Este juízo investido em um ato ético e poético é talvez o mesmo que ocorre na experiência religiosa de tempos passados, a qual também pode ser considerada uma espécie de "tato", "a apreensão e a criação de uma 'harmonia' em práticas particulares", uma prática estética, que envolve o gesto ético e poético de religar (*religere*) ou fazer uma concordância por meio de uma série indefinida de atos concretos (Certeau, 2012 p. 137-138).

Esta discussão se coaduna com as colocações de Maffesoli (1997), baseadas na análise de pequenas histórias locais de acordo com um ponto de vista estético, enfatizando o gozo estético na vida cotidiana, do comum na experiência vivida e a sua eficácia para expressar um sentido de comunidade ou 'ligação tribal' (*tribal binding*). Para Maffesoli (1997) este gesto ético e poético de religar (*tyning together*) é uma realização da transfiguração política: o estar juntos que sustenta uma ética e uma estética compartilhada.

### **3 Procedimentos metodológicos**

Certeau (2012) observa que as formas de distinguir as maneiras de fazer, os modos de operação, de se pensar sobre os estilos de ação e de teorizar sobre as práticas, uma multiplicidade de métodos deve ser considerado, aplicados de acordo com procedimentos variados e escolhidos de acordo com o tipo de práticas estudadas.

Com base nestas premissas, o procedimento metodológico foi inspirado em uma postura etnográfica, conduzido com uma consciência estética (Warren, 2008) e engajado em diferentes espaços e momentos históricos temporais (Hoskins, 1967; Carrard, 2001).

Segundo Peirano (2006) a produção antropológica contemporânea encontra abrigo em diversos lugares se caracterizando pela "multilocalização" (*multi-sited*) da disciplina. E nesse sentido, "os estudos de inspiração etnográfica deixam de ser antropologia" (Peirano, 2006 p. 33) ao se basearem em um esforço de pesquisadores não especializados na antropologia.

Nesse sentido, se pressupôs que a inspiração etnográfica dessa pesquisa se mostra pertinente em vista da amplitude das relações espaciais a serem reveladas e do tempo de permanência em campo que envolveu os meses de janeiro a julho de 2015. Contudo, durante este período em campo, a atividade etnográfica não foi contínua, limitando-se, sobretudo, ao calendário das celebrações oficiais que ocorrem anualmente na "Praça dos Leões", entre estas: as celebrações festivas organizadas pela Irmandade da Nossa Senhora do Rosário de Fortaleza.

Certeau (2011 p. 69) discute sobre a redistribuição do espaço ao se referir ao estabelecimento das fontes na pesquisa histórica. Para o autor, em história tudo começa com o gesto de separar, por de lado, reunir, colocando juntos, transformando em 'documentos' certos objetos que estão distribuídos de outra forma, como, inclusive: os monumentos arquitetônicos, as ruas e as praças, etc. Na constituição dos acervos e das coleções, Certeau (2011) enfatiza uma nova distribuição cultural que consiste em produzir os documentos, copiando-os, transcrevendo-os e fotografando-os (Certeau, 2011 p. 69).

Com base nessa discussão e além dos monumentos arquitetônicos fotografados e catalogados, foram consultados várias coleções de arquivos, entre estas, a Coleção das Leis Provinciais do Ceará (Tomo I, 1835-1861) e os Periódicos referentes às Leis do Ceará (1862-1876) que estão no setor de microfilmagem da Biblioteca Pública Governador Meneses Pimentel. Outras bases de dados na Internet foram consultadas, tendo como foco compor um *corpus* documental acerca da história local, sobre as origens, o início da ocupação, formação e desenvolvimento da praça da cidade sob estudo (Dymond, 1981)

Com o objetivo de se obter as histórias e construir os relatos que contam sobre os espaços (Certeau, 2011; Yanow, 1998), diferentes métodos foram utilizados, entre estes a "etnografia de rua" (Eckert; Rocha, 2003) fundamentada na antropologia urbana (Velho, 1999).



Segundo Hoskins (1967 p. 27) toda cidade é um caso especial, mas esta precisa ser explorada com os pés: “*Indeed, in waking about old towns, one develops a peculiar sensitivity in the soles of one's feet*”. Nesta mesma linha, Certeau (2012 p.163-164), ao discutir os jogos dos passos que moldam os espaços e tecem os lugares, enfatiza um estilo de apreensão tátil de apropriação cinésica: “Essa história começa às rés do chão, com passos”. Para Certeau (2012) o ato de caminhar é um espaço de enunciação.

Nesse contexto, utilizou-se, segundo Eckert e Rocha (2003), do método da etnografia de rua, tendo como objetivo compreender as especificidades da vida urbana e de que modo os fenômenos socioculturais são produzidos, reproduzidos e vivenciados na vida cotidiana da praça da cidade sob estudo. Na etnografia de rua, o pesquisador percorre os lugares, realiza caminhada, observando o espaço e suas configurações, interagindo com os sujeitos que participam da vida social nos lugares envolvidos, com o objetivo de realizar relatos, mapeamentos e uma cartografia do espaço, observando seus trajetos e percursos, analisando os diferentes fluxos e formas de apropriações dos lugares.

Outra técnica utilizada conjuntamente à etnografia de rua foi a *shadowing*, (Czarniawska, 1998). A autora discute sobre o desafio das pesquisas realizadas em contextos nos quais a organização acontece em diferentes lugares e ao mesmo tempo e que os pesquisadores necessitam se deslocarem muito e rapidamente entre esses espaços. Além disso, muitas das atividades a serem evidenciadas são intelectuais e, portanto, não observável. O uso da *shadowing* nos permite mover-se com e entre os sujeitos, deslocando-se de um ponto para outro em uma determinada rede de práticas, nas palavras da autora: “*I’m after not individual experience but a collective construction*” (Czarniawska, 1998 p. 28).

Nesse contexto, os procedimentos de observação foram “móveis”, perfazendo as trajetórias espaciais, relatando diferentes fluxos e formas de lugares e espaços de apropriação. O conceito de “memória topográfica” nos estudos urbanos de Bolle (2007) abrange também a ideia de uma “topografia móvel” que se reconstrói no entrecruzamento entre a nossa emoção e as ruas da cidade. Nesse sentido, afirma o autor, o espaço que tratamos é qualitativo, o *topos*, um lugar-comum retórico, qual seja, o espaço próprio do mito.

Para auxiliar na composição dos relatos e durante a etnografia de rua e do *shadowing*, se fez uso de técnicas imagéticas como a fotografia e o vídeo (Bell; Davison, 2013; Ipiranga, 2016). Em particular, nós utilizamos as imagens como “documento produzido” (Certeau, 2011 p. 69) e como uma forma de nota de campo visual em apoio da etnografia (Warren, 2009).

Para Certeau (2012), os relatos de espaços atravessam e organizam lugares, são percursos de espaços e produzem geografias de ações. Todo relato é uma prática do espaço. Para o autor, esses relatos de espaços organizadores de lugares descrevem os esquemas de operações, os códigos e taxonomias da ordem espacial. A narrativa das práticas espaciais seria uma “maneira de fazer” textual, com seus procedimentos próprios (Certeau, 2012 p. 141-183).

Nesse sentido, Certeau (2012) propõe escolher “uma prática observadora e engajada” em um ponto da cidade que se objetiva estudar, a determinar a partir daí o seu conjunto. Desta forma, foram identificados os espaços, momentos e lugares emblemáticos da praça da cidade sob estudo, objetivando tecer os relatos sobre as práticas estéticas dos espaços observados.

Giard (2012) pontua que o relato é a língua das operações, permitindo seguir as etapas da operatividade. Nesse sentido, Certeau (2012) sinaliza ainda a necessidade de se criar critérios e categorias de análise na identificação das combinações das diferentes operações. O papel do relato é, portanto, fazer um mapeamento dinâmico do espaço e de suas malhas de práticas apropriadas pelos sujeitos, no qual a metáfora da fronteira (espaço legítimo) e da ponte (exterioridade estranha) aparecem como figuras narrativas essenciais. Estes procedimentos possibilitaram a construção de uma tipologia de relatos, em termos de identificação de lugares e de efetuações de espaços, compondo um primeiro e imenso *corpus* (Certeau, 2012 p. 191-194).

Visando a descrição da experiência estética imbuídas nestas práticas de espaços urbanos, tivemos como guia os três princípios metodológicos da compreensão empática segundo Strati (2007). O primeiro princípio da compreensão empática consiste em se imaginar no lugar do outro, cujos propósitos, motivos e sentidos se pretende explicar (Strati, 2007). O método empático possibilita ao pesquisador o reconhecimento de humores, pensamentos e sentimentos estéticos intimamente ligados à ação dos sujeitos. Nesse sentido, o *pathos* com que um evento ou uma ação é enfatizado pelos informantes consiste: “No que diz e como diz, este não só fornece ao pesquisador informações sobre processos, como também comunica uma emoção, uma sensação, um sentimento” (Strati, 2007 p. 272). A ênfase recai sobre o compartilhamento entre sujeitos e pesquisadores da sensação de prazer, desprazer e/ou alegria causada por algum evento organizacional, proporcionando o “sinal distintivo” (Strati, 2007 p. 272) para orientar a investigação. O sentimento caracteriza, portanto, o estudo estético da vida cotidiana por ser a qualidade expressiva intrínseca aos fenômenos estéticos, este é “um modo de as coisas, as situações e as formas se oferecerem” (Strati, 2007 p. 272).

Mayol (2012) também adverte que as práticas urbanas favorecem diferentes utilizações do espaço que vão além do seu uso funcional. Para além de uma apreensão tátil, o autor descreve uma estética portadora de diversos sentidos, vivenciada através da prática da deambulação e da caminhada de quem passeia pela cidade.

Buscou-se, portanto, apreender o sentimento em seu “ser-em-uso” (Strati, 2007 p. 145), enquanto manifestação de estilo e de uma atitude intencional tanto no interior dos eventos e das práticas observadas como na relação entre os sujeitos atuantes na praça da cidade e os próprios pesquisadores.

O segundo princípio refere-se à ideia de *connoisseurship* – de suas faculdades sensoriais e de juízo estético – que vem demonstrado pelos participantes da pesquisa, incluindo aqui os pesquisadores, em relação aos elementos não humanos e também às relações interpessoais: “É o *connoisseurship* – com seu conhecimento tácito e não explícito, com sua compreensão antes empática-estética do que analítico-racional – que possibilita que os sujeitos afirmem a legitimidade de suas diferentes interpretações da construção do social que participam” (Strati, 2007 p. 280).

E, por fim, enfatiza-se o princípio de observar as categorias estéticas que emergem e são ditas, os termos de uso corrente na vida cotidiana da praça da cidade. Tendo como base estes princípios metodológicos, a pesquisa percorreu o itinerário proposto pela compreensão empática e pelos relatos de espaços para compor a totalidade do *corpus* da pesquisa (Strati, 2007; Certeau, 2012).

Além disso, e de forma auxiliar, foram utilizados roteiros de entrevista com questões abertas com o objetivo de orientar os diálogos e as conversas, segundo um esquema flexível, conforme sublinha Giard (2012 p. 25): a coleta das conversas exige “uma atenção nunca diretiva e uma capacidade de empatia fora do comum”. Foram, portanto, entrevistados um bom número de “caminhantes ordinários” em diferentes momentos da pesquisa na praça sob estudo, entre estes: os trabalhadores das livrarias situadas nos espaços da praça, o vigário e o sacristão da Igreja do Rosário, um servidor do Museu do Ceará, o proprietário do bar Lions e dois participantes da diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Fortaleza, entre eles, o presidente da Irmandade.

Esse *corpus* de informações foi organizado articulando diferentes tipos de histórias, inclusive fragmentos de relatos visuais que, por motivo de espaço, não foi possível apresentar neste artigo (Warren, 2009; Ipiranga, 2016), na forma de: i) “texto aberto”, constituído a partir do reexame da experiência vivida, traçando, desta forma, uma descrição da experiência estética (Strati, 2007 p.274); ii) e as “ações narrativas” que possibilitaram precisar formas elementares das práticas estéticas organizadoras dos espaços (Certeau, 2012 p.167).

A seguir se apresenta, em um primeiro momento, uma breve contextualização dos lugares do estudo que compõem a “Praça dos Leões”. Para a apresentação da descrição em si, se optou pela articulação dos relatos acerca da organização estética da praça da cidade (Strati, 2007) a partir da identificação das malhas de práticas que organizam estes espaços urbanos (Certeau, 2012).

#### **4 Os espaços da “Praça dos Leões”: A “Praça da Igreja” como uma Prática Metonímica?**

Para Silva (2005) o centro da cidade de Fortaleza é um espaço de alta densidade histórica e pluralidade cultural. Contudo, os espaços do centro revelam-se como fragmentados com diferentes territórios em seu interior, possibilitando múltiplas solidariedades e recriações no universo de atividades ali desenvolvidas, entre estes: os espaços das ruas com andares apressados como na rua Liberato Barroso e Guilherme Rocha (antiga Rua do Ouvidor); o comércio barato e popular do Beco da Poeira; a placidez do Parque da Criança, hoje não tão plácido por conta da insegurança; além do seu imponente teatro, os ruídos do comércio ambulante da Praça José de Alencar; a Praça do Ferreira com a sua coluna da hora; os passeios no Passeio Público e os leões da Praça dos Leões; a quietude no interior da Catedral Metropolitana e das Igrejas do Carmo e do Rosário. “O centro é a expressão pura do Ceará”, com seus espaços e tempos diferenciados (Silva, 2005 p. 39).

Em particular, as praças, foco desse estudo, desempenham um papel fulcral na estruturação dos espaços urbanos, traduzindo sua importância funcional e simbólica. As praças são locais privilegiados de encontro, de trocas e de sociabilidade, condensando em si as razões de natureza política, social e econômica que historicamente conduziram ao aparecimento e à estruturação das cidades, constituindo a sua essência (Teixeira, 2012; Ipiranga, 2010; Ipiranga et al., 2006).

A praça lugar do presente estudo foi a “Praça General Tibúrcio”, popularmente conhecida como a “Praça dos Leões”, localizada no centro histórico da cidade de Fortaleza entre as ruas General Bezerril, Sena Madureira, São Paulo e Guilherme Rocha. Fortaleza foi elevada à categoria de vila e capital da província do Ceará em 1713 e a origem da Praça remonta aos tempos da construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em 1730. Em 1831, a Praça então conhecida como “Largo do Palácio”, “Pátio do Palácio” e ainda, a “Praça do Palácio” por ali estar também instalado o Palácio da Luz, sede do governo provincial, foi urbanizada, sendo inaugurada em 1856 (Nogueira, 1980).

Contudo, alguns anos antes, em 1847, quando grandes chuvas causaram escavações no Largo do Palácio, o então governador da província Inácio Correa de Vasconcelos (1844-1847) mandou edificar uma enorme muralha para sustentar o aterro. Junto com a muralha foram levantados pilares, gradis de ferro e construídas as escadarias de acesso à rua de baixo (FORTALEZA NOBRE, 2014).

Depois da morte do General Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa, herói da Guerra do Paraguai, em 1885, a Intendência Municipal de Fortaleza com uma Resolução de 2 de fevereiro de 1887 resolve dá-lhe o nome de “Praça General Tibúrcio” e, em 8 de abril 1888, uma estátua foi erguida em sua homenagem, sendo a primeira estátua pública da cidade. O pedestal de dois metros e meio é de granito, tendo sido esculpido em Fortaleza por Frederico Skinner. Em 11 de agosto de 1952 os restos mortais do General Tibúrcio foram transferidos para a cripta construída no pedestal de sua estátua (FORTALEZA NOBRE, 2014).

Ao longo da segunda metade do século XIX, a cidade de Fortaleza expandiu-se e beneficiou-se com a construção de outras praças e edifícios públicos, tais como a Santa Casa de Misericórdia (1867), a Assembleia Legislativa (1871), o Passeio Público e a Estação Ferroviária João Felipe (ambos em 1880) e o Mercado de Ferro (1897) (GONDIM, 2007).

Nesse período, caracterizado como da *belle époque* de Fortaleza, foi quando foi encomendada a estátua do General Tibúrcio, toda em bronze, de dois metros de altura, tendo

sido fundida nas oficinas de *La Fonderie Thiebaut Frères* – uma das mais importantes oficinas de arte da França durante os séculos XIX e XX, com vários trabalhos realizados em todo o mundo. Particularmente em Paris, as fontes e estátuas do atelier *Thiebaut Frères* ornamentam os jardins da *Place de la République, Place de la Nation* e *Place Vendôme* (FORTALEZA NOBRE, 2014).

Em 1891, por iniciativa do vereador José Albano, a Praça teve um alinhamento iniciado. Contudo, em fevereiro de 1892, uma revolta dos estudantes do Colégio Militar contra o governador do estado, José Clarindo de Queiróz (1841-1893) ocuparam a praça e iniciaram um bombardeio contra o Palácio da Luz. Dizem os relatos que um tiro acertou a estátua que caiu de pé. Nesse conflito, o governador foi deposto e a estátua voltou ao seu lugar, sobre um novo pedestal, no ano seguinte de 1893. O motivo desse conflito decorre do golpe perpetrado por Floriano Peixoto (1839- 1895) contra o Presidente Deodoro da Fonseca (1827-1828), que assumiu o governo brasileiro em 23 de novembro de 1891 e determinou a deposição de todos os governadores aliados à Deodoro da Fonseca, entre estes, Clarindo de Queiroz do Ceará (FORTALEZA NOBRE, 2014).

Com a também deposição em 1912 do governador Antônio Pinto Nogueira Accioly (1840-1921) e a consequente deposição do intendente Guilherme César da Rocha (1846-1928), o novo intendente, Idelfonso Albano (1885-1957), promoveu uma dispendiosa e demorada reforma da Praça, iniciada em 1913 e concluída em 1914 (FORTALEZA NOBRE, 2014).

O projeto dessa reforma exigiu a desapropriação de várias casas em redor da Praça, formando o atual quadrilátero. O ajardinamento incluiu ainda a retirada do velho gradil de ferro, substituindo-o por uma balaustrada artística, encimada por combustores, jarros e três esculturas de leões e leas de bronze, trazidas de Paris no começo do século XX. A remodelação se completou com a construção de um coreto, a instalação de bancos importados e 49 novos combustores que tornaram a Praça a mais bem iluminada da capital. Por conta das estátuas de leões, hoje a Praça é popularmente conhecida como a “Praça dos Leões” (FORTALEZA NOBRE, 2014).

Durante as nossas caminhadas na “Praça dos Leões” e tendo como base a documentação histórica-fotográfica compilada, observamos que este espaço compõe, juntamente com as edificações e monumentos do lugar, um importante conjunto histórico arquitetônico da cidade de Fortaleza. Para Zevi (2009 p. 19) o espaço é o protagonista da arquitetura, o caráter essencial. O que distingue a arquitetura de outras atividades artísticas, está no fato de agir com um vocabulário tridimensional que inclui o ser humano: “a arquitetura é como uma grande escultura escavada, em cujo interior o homem penetra e caminha”.

Por ocasião dessa pesquisa, as histórias que construímos durante as caminhadas realizadas pela “Praça dos Leões” revelaram em seus lugares as seguintes edificações: a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o Palácio da Luz (antiga sede do governo local e atual sede da Academia Cearense de Letras) e o Museu de Ceará (antiga sede da Assembleia Provincial). Além dos jardins e do conjunto de árvores, a composição arquitetônica da Praça apresenta ainda os monumentos e as esculturas, como: as muralhas ao redor da Praça, as escadarias, o coreto limitado pelas balaustradas artísticas, as três esculturas de leões e leas de bronze, a estátua do General Tibúrcio em pé no seu pedestal. Encontra-se ainda, a estátua, em tamanho natural, da escritora cearense Rachel de Queiroz, sentada em um banco da praça, ali instalada no dia 6 de dezembro de 2005, tendo sido esculpida por Murilo de Sá Toledo. Em seus arredores destacam-se um conjunto de lojas de livros escolares – os livreiros, e os bares, em particular, o Lions Bar que funciona no antigo prédio do Hotel Brasil, inaugurado em 1945 (FORTALEZA NOBRE, 2014).

Conforme anteriormente citado a origem da “Praça dos Leões” remonta aos tempos da construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário que foi construída originalmente em taipa,

em 1730, por negros - escravos e libertos. Somente no ano de 1755, a Igreja foi reconstruída com o uso de pedra e cal (FORTALEZA NOBRE, 2014).

A Igreja do Rosário foi construída em uma época em que havia separação de raças e classes sociais em templos religiosos. A Igreja era o espaço dos negros até ser improvisada como igreja matriz de Fortaleza entre os anos de 1821 a 1854, enquanto se reconstruía a Matriz de São José. Alguns reparos foram feitos no local nos anos de 1855 e 1872. Após algum tempo, a Igreja do Rosário, construída em planta baixa, passou por um processo de restauração e foi entregue à comunidade em 2004. A Igreja do Rosário é a mais antiga do Ceará tendo sido tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN em 1986 (Nogueira, 1980).

Conforme os relatos anteriores e por estar localizada ao lado do Palácio da Luz na “Praça dos Leões”, a Igreja do Rosário foi palco de celebrações religiosas, eleições e enterros. Em uma de suas paredes está sepultado João Facundo de Castro Menezes - o Major Facundo (1787-1841). Chefe do Partido Liberal, nomeado vice-presidente da província do Ceará durante a gestão do Brigadeiro José Joaquim Coelho (1841-1843) por quem fazia cerrada oposição, tendo sido assassinado em 1841. Durante a última reforma, no piso da Igreja do Rosário foi encontrado o maior número de sepultamentos do século XIX do Ceará, com sepulturas anônimas, sem lápide e sem identificação. Como não havia cemitérios na época, os enterros eram feitos em igrejas ou nas suas intermediações.

No decorrer da pesquisa da etnografia de rua, desde às nossas primeiras caminhadas observando os monumentos e o conjunto arquitetônico da “Praça dos Leões” e para além dessa apreensão tátil deambulatória, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário nos chamou a atenção ao reavivar nossas lembranças de tempos memoráveis.

Halbwachs (2006) afirma que não existe memória que não aconteça em um contexto espacial. Não há grupo nem atividades que não tenham alguma relação com o lugar, enquanto uma parte do espaço. E nesse sentido, o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso, e que nosso pensamento e imaginação é capaz de reconstruir, é para esse espaço onde a nossa atenção deve voltar-se, possibilitando que a categoria de lembranças reapareça.

Giard (2012) pontuou que o relato é a língua das operações, permitindo seguir as etapas da operatividade. Para isso, se faz necessário de se criar critérios e categorias de análise na identificação das combinações das diferentes operações.

Considerando, portanto, a categoria de lembranças, durante as caminhadas, as memórias de itinerários enterrados nas lembranças da “praça da igreja” da minha infância, quando eu ali frequentava as celebrações junto com meus genitores, me afluíram e aguçaram os meus sentidos, orientando uma atenção flutuante de eventos e acontecimentos que foi se atualizar na “Praça dos Leões”, enquanto um lugar próprio e da minha coexistência (Certeau, 2012; Mayol, 1994).

Em um segundo momento e por ter sido, a Igreja do Rosário, o lugar no qual a “Praça dos Leões” se originou, os relatos construídos sobre a Igreja, tanto aqueles resgatados pela minha memória, como aqueles obtidos nos documentos e nas entrevistas realizadas, se engajaram em diferentes espaços e momentos históricos temporais (Hoskins, 1967; Carrard, 2001).

Para Certeau (2012) esta “memória prática” é tocada pelas circunstâncias, engendrando uma “prática metonímica” ao ser lembrada e jogada através de novas ocasiões. Nesses lugares de tempos variáveis, os espaços da “praça da igreja” praticados durante os passeios na minha infância, revelaram-se, se conformaram em um novo lugar praticado ao se transformarem, através de um ato presente (*or of a time*), do “estar lá” (*being there*), por ocasião da pesquisa etnográfica de rua (Certeau, 2012).

Certeau (2012) ainda adverte que este esquema, que caracteriza um regresso no tempo até então ignorado pela distribuição espacial dos personagens, deve ser considerado “a unidade mínima” que iluminará as histórias e os relatos. Por sua vez, Strati (2007) também sugere como guia para a descrição da experiência estética o princípio da compreensão empática, o *pathos*, com que um evento ou uma ação é enfatizado, cuja tônica recai na sensação de prazer e/ou desprazer. Este *pathos* proporciona o “sinal distintivo” para orientar a investigação.

Consideramos, portanto, este esquema envolto pelas minhas prazerosas memórias da “praça da igreja” que se atualizaram nos espaços praticados por esta pesquisa. Estas operações que organizaram o conjunto dessas relações estéticas espaciais mutáveis, transformando no tempo, os lugares da “praça da igreja” em espaços e os espaços da “praça da igreja” em lugares será a unidade mínima, o *pathos*, o sinal distintivo para resgatar as histórias da “Praça dos Leões”.

#### **4.1 Fragmentos de histórias da “Praça dos Leões”: As práticas e o organizar da estética espacial na “praça da igreja”**

Em tempos pretéritos, a organização dos espaços da “Praça dos Leões” iluminavam um conjunto de práticas administrativas e políticas que presenciaram a deposição de diferentes governos provinciais. Hoje, esses espaços transformaram-se através de específicos processos, sejam comerciais, culturais e ou políticos-religiosos, que se organizam a partir de diferentes operações práticas. Em particular, a “Praça dos Leões” era e ainda é um espaço onde se atuam práticas culturais e religiosas que têm como lugar os adros da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Entre estas, nos chamou a atenção “as práticas festivas” organizadas pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário que têm como palco os espaços da “praça da igreja”.

Teixeira (2012) no seu estudo sobre a forma da cidade de origem portuguesa, afirma que esta característica das praças se encontra inscrita em cidades de vários períodos e é formalizada nos traçados urbanos planejados do século XVII, no qual frequentemente existiam, pelo menos, duas praças: uma, associada ao poder político e outra, ao poder religioso. Por outro lado, esta multiplicidade de lugares, transformados no decorrer do tempo, dentro do mesmo espaço, se conecta com as discussões de Certeau (1984) acerca das distinções entre “espaço” e “lugar”. Para o autor, o espaço enquanto um lugar praticado, pode vir a ser modificado pelas transformações provocadas através de específicos contextos sucessivos, sendo este um efeito produzido pelas operações que o orientam, o situam, o temporalizam.

Através do exercício do *shadowing* (Czarniawska, 1998) realizado entre os monumentos e edificações encrustrados no quadrilátero da “Praça dos Leões”, participamos de três apresentações festivas promovidas pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário nos adros da Igreja do Rosário. Considerando a proposta de Certeau (2012), essas “práticas festivas” foram escolhidas como a “prática observadora e engajada” para determinar a partir daí o seu conjunto. Ainda com base nessas participações, formulamos as seguintes questões: qual o papel da Irmandade, qual a sua história? Quem são os seus agentes históricos? Qual a história dessas práticas festivas promovidas pela Irmandade nos adros da Igreja do Rosário? Quais as relações da Irmandade e das práticas festivas com a Igreja do Rosário? Quais significados estéticos podem ser atribuídos as práticas de espaço vivenciadas? Qual o efeito dessas práticas festivas no organizar da “Praça dos Leões”?

Segundo Scarano (1978), no Brasil, as confrarias ou irmandades religiosas surgiram no decorrer do século XVIII. Adaptaram-se às circunstâncias e aos lugares segundo os modelos portugueses, principalmente nas regras das Irmandades da Misericórdia de Lisboa, que foram criadas em 1498, tendo como confrade o rei D. Manuel. Conforme a autora, por possuírem um estatuto especial, as Irmandades da Misericórdia se multiplicaram nas regiões portuguesas, estendendo-se também às colônias, tendo como missão cuidar dos mais pobres (Scarano, 1978).

No entanto, Wood (2005) pontua que as primeiras irmandades de Portugal foram a Ordem Terceira de São Francisco (1289), a Confraria dos Homens Bons (1297) e a Irmandade da Imaculada Conceição (1346). Em Portugal e na Espanha do século XV existiam irmandades religiosas onde seus integrantes eram negros trazidos da África como escravos, e brancos de origem ibérica. Com a expansão das colônias foram instituídas as irmandades em regiões do continente africano, asiático e americano (Pereira, 2015).

Estes trechos que nos relatam a história das irmandades que “viajaram” no decorrer do tempo e do espaço se adaptando as circunstâncias dos lugares, se conectam a questão levantada por Certeau (2012) e Wallace (1980) acerca de como as entidades constroem "rotas de ocasiões", sendo este um nexos importante a ser observado no estudo das práticas cotidianas, inclusive e, sobretudo, naquelas de tipo tático.

Segundo Campos (1980) a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Ceará foi fundada na segunda metade do século XIX, entre os anos de 1840 a 1870 tanto em Fortaleza, como em outros municípios. Borges (2005) enfatiza que estas confrarias precisavam da autorização eclesiástica e do poder régio para legalizar o seu funcionamento. É famosa a citação de Bezerra (1991) sobre as atividades e festividades da Irmandade serem realizadas nos espaços adjacentes externos que conformam os adros da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fortaleza:

É constante a tradição que um preto africano pelos anos de 1730 em diante erigiu uma capelinha a Nossa Senhora do Rosário, no local em que se acha hoje a desse nome, a qual ficava um pouco afastada da vila. Esta era, como toda construção daqueles tempos, de taipa e de palha. Nela rezavam os pretos seus terços, novenas e outros atos de devoção (Bezerra, 1991 p. 162).

De acordo com Borges (2005) era importante para as irmandades conseguirem recursos e apoio para construir seu próprio templo, pois ter uma igreja significava a garantia de ter um lugar, onde, conforme lembra Certeau (2012), predomina a lei do próprio, um lugar de coexistência e exercício de autonomia entre os confrades, ainda que relativa, frente aos grupos da elite dominante. Significava também marcar um território, um lugar de encontro da comunidade, definindo um espaço geométrico e sagrado: um espaço praticado (Certeau, 2012).

A Irmandade reorganizavam os espaços da Igreja do Rosário como lugar central de encontros do grupo, com uma referência social, religiosa e cultural frente aqueles que procuravam controlar a Igreja, as autoridades eclesiásticas e estatais. Portanto, os sujeitos participantes da Irmandade enfrentavam diversos entraves, conflitos e negociações (Borges, 2005). Certeau (2012) também fez referência ao espaço que torna-se um lugar praticado ao atuar entre programas conflituosos e contratuais a partir das ações de agentes históricos.

Conforme as pesquisas que nós realizamos nos arquivos e coleções consultadas, as Leis Provinciais do Ceará indicam a existência de dois estatutos da Irmandade relativos aos anos de 1840 e 1871, ambos, com as autorizações dos poderes eclesiástico e legislativo. Esses estatutos relatam a existência de um cofre e três livros destinados ao lançamento de atas, receitas e despesas e outro para inscrição/registro dos nomes dos irmãos (confrades). Esses documentos nos dão uma ideia da organização e administração da Irmandade, sendo a “mesa” composta por um juiz, escrivão, tesoureiro, procuradores e mordomos; o juiz o cargo de “primeira dignidade”; o pároco era um participante da Irmandade, ainda que presidisse as sessões da mesa, não tinha autonomia total de decisão (Pereira, 2015). Conforme relata o estatuto de 1840 da Irmandade em seu Artigo VIII das Sessões da Mesa:

A mesa se reunirá sob presidência do pároco todas as vezes que for preciso tratar-se dos interesses da irmandade e será convocada pelo juiz ou procurador, ou tesoureiro, ou pároco, e reunindo-se metade e mais um haverá deliberação e caso falem alguns mordomos, serão chamados os irmãos que mais comodamente possam comparecer. O

pároco manterá a ordem, proporá, discutirá e porá os negócios à votação, mas não votará (Compromisso da irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Fortaleza, 1840).

Observamos ainda na análise dos estatutos da Irmandade, que não bastava ao pretendente pagar a anuidade para ser aceito na confraria. Conforme o estatuto de 1873, no Capítulo III das reuniões e atribuições da mesa, havia uma votação prévia com base em obrigações:

Eleger em qualquer de suas reuniões para irmãos, as pessoas que tiverem os requisitos exigidos neste compromisso, e eliminar deste número os que os houverem perdido (Compromisso da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Fortaleza, Ano 1873, Cap. III, Art. 13, Parágrafo 1).

Enfatiza-se, ainda, que os negros ao se tornarem membros da Irmandade assumiam uma nova identidade, garantindo uma condição humana na sociedade escravista da época. Tal condição era reconhecida pelo poder eclesiástico e o legislativo, como também exigia novos aprendizados. Os cargos exercidos pelos novos irmãos requeriam tomada de decisões sobre os assuntos internos da confraria, planejamento de novas ações, controle das despesas e investimentos (Teixeira, 2015; Borges, 2005).

Segundo Pereira (2015) e Campos (1980) foi entre os séculos XVIII e XIX o período em que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Fortaleza esteve mais ativa, pois, administravam cemitérios, edificavam igrejas e as mantinham, participavam na promoção de devoções, novenas, procissões e na organização das celebrações festivas de cunho religioso da cidade, entre estas: a Quaresma, o Corpus Christi e, sobretudo, a Paixão de Cristo durante a Semana Santa.

Para Borges (2005) as práticas festivas dos homens pretos do Rosário era um acontecimento que se incluía vários eventos, como missas, procissões, cerimônias de coroação do rei e rainha, banquete e representações dramáticas. Por outro lado, essas práticas festivas não eram somente uma celebração religiosa, mas se reconfiguravam como uma relação de troca, espaços de sociabilidades, envolvendo pessoas de todas as classes e sendo também espaços de apropriação de lugares na cidade de Fortaleza, como praças, ruas, terrenos, a própria Igreja do Rosário por aqueles que praticavam a cultura negra na cidade.

Os negros assumiam, portanto, uma posição de relevância, ao mesmo tempo que desenvolviam suas próprias práticas culturais através das práticas festivas promovidas pela Irmandade. Dessa forma, não havia como separar o sagrado do profano, fato que, em função do controle político, econômico e religioso, a prática festiva alterou-se em alguns lugares, mudando de lugares, permanecendo, porém, com a mesma estrutura mítica do ritual (Marques, 2009; Teixeira, 2015).

A questão evidenciada acerca da estrutura mítica preservada na organização das práticas festivas se associam as discussões de Certeau (2012) e Bolle (2007). Para Certeau (2012) a relação das táticas (astúcias; *métis*) com a ocasião, indica que estas acontecem em um tempo não-linear, mas no tempo próprio do mito (*kairós*), sendo estas táticas caracterizadas como práticas temporais. Bolle (2007) também problematizou o lugar-comum retórico, o *tropos*, enquanto o espaço próprio do mito. Para isso o autor propôs os conceitos de memória topográfica e de topografia móvel que se reconstruem nas fronteiras entre a nossa emoção e, no caso dessa pesquisa, os espaços da “praça da igreja”.

Entre as fronteiras desses memoráveis relatos, encontramos, conforme descrito no item anterior, uma “memória prática” ao ser regulada por múltiplas atividades de alteração, como uma prática metonímica, lembrada e jogada através de novas ocasiões, possibilitando que o espaço surja novamente como lugar praticado (Certeau, 2012).



Contudo, no final do século XIX e início do século XX, a Igreja empreendia no Brasil o processo de romanização, que pretendia reorganizar as práticas religiosas católicas tomando como modelo as diretrizes da Santa Sé; reivindicavam também autonomia do poder espiritual frente às autoridades seculares e poder leigo exercido nas confrarias (Teixeira, 2015).

Marques (2009) assevera que nesse contexto as práticas festivas das Irmandades dos Homens Pretos, sobretudo, a coroação de rei e rainha eram vistas como desvios e classificadas como fanatismo e superstição, daí como consequência, foi proposto a retirada dos cargos de rei e rainha do estatuto de 1870 da Irmandade e, conseqüentemente, a abolição da prática festiva de coroação dos reis.

Terdiman (2001) ao citar Certeau, sugeriu a importância das fronteiras para a sensibilidade histórica e interpretativa. E assim, o conhecimento histórico deve focalizar os “desvios”, em relação às construções formais presentes. O historiador deve, portanto, se instalar nas fronteiras onde a lei de uma inteligibilidade encontra seu limite como aquilo que deve incessantemente ultrapassar, deslocando-se, e aquilo que não deixa de encontrar sob outras formas (Certeau, 2011).

Além disso, as práticas festivas ao serem classificadas pelos poderes constituintes da época como “desvios”, vai de encontro a discussão de Certeau (2012) sobre as diferenças entre “tática” e “estratégia” no contexto da organização das práticas cotidianas. A estratégia enquanto cálculo das relações de poder se contrasta com uma tática, enquanto uma ação calculada, um desvio, determinado pela ausência de um lugar próprio. Nesse sentido, uma tática é um jogo que contrasta um espaço imposto e organizado por uma lei, enquanto um poder estranho ao lugar. As estratégias são capazes de produzir e impor os espaços, as táticas usam, manipulam e desviam esses espaços.

Contudo e segundo Pereira (2015) estas estratégias que objetivaram a exclusão dos cargos de rei e rainha no estatuto de 1870, geraram novos desvios táticos (Certeau, 2012) a partir das transformações na atribuição do cargo de juiz, e assim, as deliberações da mesa ficariam concentradas no cargo de juiz que seria ocupado por um homem negro. A aceitação da exclusão dos cargos de rei e rainha dos estatutos da Irmandade indica uma estratégia (Certeau, 2012) dos autores do estatuto de 1870 para conseguir a autorização, e ao mesmo tempo uma tática (Certeau, 2012) ao possibilitar a continuidade desta prática em outros momentos das festividades, como ocorreu em Fortaleza (Borges, 2005).

Com base nesses relatos, infere-se uma multiplicidade de operações, táticas e estratégias concomitantes (ou não), organizadoras das práticas festivas dos Homens Pretos, como: a apropriação de novos espaços e aprendizagens, a construção de novas identidades, de diferentes sociabilidades na afirmação da cultura negra, as deliberações da mesa na aceitação da exclusão dos cargos de rei e rainha dos estatutos, a autorização para a continuidade das festas, entre outras operações.

Essas discussões nos possibilitam reforçar o pressuposto de que as “Festas dos Pretos” realizadas na “praça da igreja” eram, sobretudo, do tipo táticas ao possibilitarem uma utilização inteligente do tempo, das ocasiões que se apresentavam, produzindo nos fundamentos do poder constituído rupturas instauradoras. Estas estranhezas tornavam possível transgressões da lei do lugar (Certeau, 2012).

Por outro lado e reforçando o caráter tático das práticas festivas dos Homens Pretos, o fim da coroação dos reis e rainhas possibilitou o aparecimento de outras práticas culturais negras, como as representações cênicas de antigos eventos ocorridos na África, tipo, as guerras congo-angolesas e os maracatus, práticas estas que ressignificaram a trama da coroação de reis e rainhas no contexto da Irmandade, acrescentando ao cortejo novas coreografias, estandartes, músicas e, ainda, a calunga dos maracatus (Marques, 2009; Teixeira, 2015).

O registro mais antigo que se tem sobre o maracatu data de 1711, mas sua origem é incerta. A manifestação tem relação com a religião de matriz africana, o candomblé, e com a

coroação de escravos negros, enquanto estratégia tática desses povos contra a estratégia de dominação dos colonizadores (Certeau, 2012). O ritmo é marcado por instrumentos de percussão e a dança se desenvolve num cortejo que conta com um rei, uma rainha e a sua corte simbólica. Os cortejos do maracatu são uma tentativa de refletir as antigas cortes africanas, que ao serem conquistadas e vendidas como escravos, trouxeram suas raízes e mantiveram seus títulos de nobreza. O cortejo é composto por uma bandeira ou estandarte abrindo as alas. Logo atrás, segue a dama de paço, que carrega a mística calunga, representando todas as entidades espirituais do grupo. Atrás dela, seguem as baianas e, pouco depois, a corte, o rei e a rainha dos maracatus. De cada lado seguem as escravas ou catirinas, normalmente jovens, que usam vestimentas de chita. Mantendo o ritmo do desfile, seguem os batuqueiros. Os instrumentos são diversos, entre estes, as alfaias que são tambores, caixas ou taróis, ganzás e ABs, esses conduzidos por mulheres (Souza, 2002; Marques, 2009; Quintão, 2002)

Muitas das dimensões e elementos dos maracatus simbolizam o sincretismo religioso brasileiro, como por exemplo, a calunga que representa a morte, entendida como transição, diferentemente da tradição cristã, que a significa como ressurreição, se constituindo como elementos sagrados, no contexto profano da prática festiva.

Nesse sentido, as “Festas do Pretos” simbolizavam manifestações históricas atávicas e ancestrais da cultura africana, conformando práticas híbridas, festivas, religiosas que expressavam, através de elementos estéticos, transgressões e políticas de resistências. Por outro lado, esta memória ressignificada na prática festiva dos maracatus vem entendida no sentido antigo do termo, que designa uma presença à pluralidade dos tempos e não se limita apenas ao passado. As memoráveis práticas festivas do maracatu mediatizaram, portanto, transformações no espaço, nos remetendo a uma “lógica tática” no organizar das práticas festivas nos adros da “praça da igreja” (Certeau, 2012, Maffesoli, 1997).

Mas mesmo com estas ressignificações e segundo Marques (2009), nas últimas décadas do século XIX, as “Festas dos Pretos” em Fortaleza ocorreram em meio a transformações políticas, sociais e urbanas, cujos agentes consideravam os costumes dos negros fontes de desordem. Porém, em meio a esse contexto de tensões, as festas se deslocaram para outros lugares, organizando novos espaços praticados pela resistência da cultura negra em uma constante recriação. E assim, com o crescimento urbano da capital e o aumento do preconceito, a corte negra continuou marcando presença por ocasião da festa de Nossa Senhora do Rosário, no dia de Reis em outros espaços, distantes da Igreja do Rosário, na periferia da cidade (Marques, 2009).

Certeau (2012) lembra que na organização dos espaços, a descrição da história desempenha um papel decisivo, no sentido de ser um ato culturalmente criador. E assim, nesse constante recriar, os espaços da cidade de Fortaleza nos quais se praticavam as festas de coroação do rei e da rainha, alguns anos depois, deslocaram-se, situando-se adjacentes à rua Domingos Olímpio. Hoje, a Domingos Olímpio é a rua, o lugar, onde acontecem, anualmente, as festas carnavalescas da capital, nas quais os grupos mais tradicionais dos maracatus cearenses se apresentam.

Estas ressignificações, recriações e deslocamentos no tempo e no espaço das práticas festivas dos Homens Pretos em Fortaleza se conectam as discussões de Certeau acerca das transformações que caracterizam as práticas artística, ao mudar um dado equilíbrio em um outro. Estas “invenções” incessantes não dependem de regras ou modelos, mas dependem de um “tato” (*eine Sache des Takts*), um senso do juízo que coloca juntos uma liberdade (*moral*), uma criação (*estética*), e um ato (*prático*), resultando em uma politização das práticas relacionadas as “Festas dos Pretos”.

Por outro lado, este longo período de isolamento da Irmandade nos espaços periféricos da cidade coincide com o abandono e negligência da “Praça dos Leões” pelo governo local.

Mais tarde em diferentes momentos, a Praça foi a base para uma reorganização do tipo estratégico pelo Município de Fortaleza que agiu para a sua revitalização, envolvendo diferentes organizações, mas não as dos negros da Irmandade do Rosário.

Por fim, em 2012, foi veiculada, através de edição do jornal O POVO do dia 6 de outubro, a notícia de que as práticas festivas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Fortaleza voltaria a funcionar, após mais de século de isolamento, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário na “Praça dos Leões”.

Em 2015, durante as nossas observações das práticas festivas relacionadas à coroação do rei e rainha do Maracatu Rei do Congo, um dos principais grupos de maracatus do Ceará, que aconteceu nos adros da Igreja do Rosário, nos impressionou a qualidade dos adereços e vestimentas, a cenografia e a coreografia, a banda e os instrumentos musicais utilizados. Sobretudo, durante a observação destas novas ocasiões festivas, nos impressionou a ativa e alegre participação de um público atento que se reunia ao redor da festa, conotando um senso comunitário na “Praça dos Leões” (Maffesoli, 1997).

Campos (1980) também se referiu a esta qualidade nas práticas festivas de outrora. Segundo o autor, estes festejos impressionavam devido a forma solene com que os confrades se vestiam, com muita ostentação e requinte. Del Priori (1994) também menciona que nas festas, os ritmos e os sons ajudavam os participantes a romperem o padrão de comportamento exigido pelos costumes da época, transgredindo normas sociais, como, por exemplo, o recato exigido das mulheres.

Para Certeau (2012), as histórias fazem uma travessia no mapa de percursos, instaurando uma caminhada enunciativa que guia e passa através, ao transgredir. Nesse percurso se reestabelecem e se ultrapassam limites, conotando uma "indefinição espacial", onde as pontes e fronteiras são ambíguas e objeto de negociação contínua (Fleming; Spice, 2004; Halford, 2005; Wapshott; Mallett, 2012; Munro; Jordan, 2013; Ipiranga; Lopes, 2016).

Conforme entrevistas realizadas com o presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Fortaleza, a ideia de resgatar as práticas da Irmandade surgiu no grupo do Maracatu Rei do Congo, do qual este também participa e é presidente desde 2009. A legalização da reativação aconteceu após vários acordos e impasses com o reitor da Igreja do Rosário que autorizou em 2010 a reorganização da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, antiga Irmandade dos Homens Pretos da cidade de Fortaleza. Nesse retorno, a Irmandade também preservou a prática memorável de eleger e coroar um rei e uma rainha. Esta prática acontece em diferentes ocasiões festivas e os critérios pelos quais o rei e a rainha são hoje escolhidos, se baseiam em votação e/ou por merecimento, entre estes, citam-se: o engajamento na Pastoral Afro e ou no Maracatu e os benefícios que os candidatos trouxeram para a Irmandade (Entrevista com o Presidente da Irmandade, 2015).

Observamos no discurso do Presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, a preocupação também em manter o mesmo memorável espaço, ou seja, a Igreja do Rosário. Que conforme as nossas observações, os espaços da Igreja e adjacentes a esta estão sempre em movimento, com pessoas que estão ali não somente por motivos religiosos ou espirituais, mas também para conhecer a história da cultura negra da cidade Fortaleza. Para isso, a diretoria da Irmandade organiza e promove, além das festas: seminários para palestrar sobre a história da Irmandade do Rosário e sobre o Maracatu de Fortaleza. “A história de Fortaleza passa por aqui, passa pela “Praça dos Leões” e pela Igreja do Rosário, não só a história do povo negro como dos brancos também. Aqui nós tentamos preservar esta memória” (Entrevista com o Presidente da Irmandade, 2015).

As histórias lançam luzes sobre a formação dos mitos com a função de fundar e articular espaços através do tempo. Este saber não sabido, implicado em um saber-fazer é considerado um gosto, um “tato”, uma fonte artística originária, designando uma estetização desses saberes (Certeau, 2012).

Atualmente, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Fortaleza é aberta para aqueles que de alguma forma se engajem na cultura africana da diáspora brasileira, ou se engajem, culturalmente, nas práticas festivas dos Homens Pretos do Maracatu, ou seja: atuem de alguma forma para preservar a cultura afrobrasileira, como destaca o presidente da Irmandade - “É aberta para todos, você pode ser ruiva, americana, dinamarquesa, não importa. Se você se engajar no Maracatu, ou puder sugerir novas formulações nas Políticas Públicas, visando benefícios para a maioria da população negra de Fortaleza, serão todos muito bem vindos” (Entrevista com o Presidente da Irmandade, 2015).

Nesse sentido, inferimos que os relatos sobre as práticas festivas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário construíram pontes para alcançar uma externalidade feita estranha – a Igreja do Rosário e seus adros, enquanto espaços legítimos para a celebração da “Festa dos Pretos” em Fortaleza. O retorno no tempo da “Festa dos Pretos”, nos espaços da Igreja da “Praça dos Leões” criou um teatro legítimo para as suas ações práticas, com funções tanto de “fundação” reinstauradora, como de “autorização” ao deslocar e superar limites, recriando e dinamizando os espaços através das memoráveis práticas festivas (Certeau, 2012).

## **5 Considerações Finais**

Esta pesquisa teve como objetivo compreender o organizar de práticas cotidianas sob o ponto de vista da estética espacial da “Praça General Tibúrcio”, mais conhecida como a “Praça dos Leões”, localizada no centro histórico da cidade de Fortaleza.

Para isso, o procedimento metodológico baseado em uma inspiração etnográfica foi conduzido com uma consciência estética e engajado em diferentes espaços e momentos históricos temporais.

Com base na construção das histórias, relatos e documentos inferimos que a organização dos espaços da “Praça dos Leões” se baseia em uma rede de práticas que se transformou no decorrer do tempo, perpassando e assumindo diferentes conotações culturais, religiosas, políticas, administrativas, comerciais, arquitetônicas, festivas, em torno da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Considerando que o memorável é o que se pode sonhar com o lugar, o “sinal distintivo” de uma “prática observadora e engajada” escolhida para orientar este estudo foi o retorno no tempo das memoráveis práticas festivas dos homens pretos realizadas pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, nos adros da Igreja do Rosário localizada na “Praça dos Leões”.

As práticas festivas são organizadas enquanto nexos de ações e a organização dessas práticas descreve e delimita as suas fronteiras, conformando malhas de práticas que se sobrepõem em tempos e espaços diferenciados. Neste sentido, esta pesquisa identificou uma malha de práticas históricas espaciais, concomitantes estratégias e táticas, através da qual os agentes históricos se apropriaram dos lugares da “praça da igreja” através da organização das “Festas dos Pretos”, que hoje, se atualiza e se ressignifica na representação sincrética dos Maracatus.

Os ritmos graciosos dos movimentos, o timbre dos acordes dos maracatus, cadenciados pela percussão de tambores, esta prática estética, deslocou no tempo e no espaço as práticas ritualísticas da “Festa dos Pretos”, performando uma estética espacial através da arte como alegria. Os homens negros da Irmandade, os livreiros, os frequentadores do bar Lions, os trabalhadores do Museu do Ceará, os transeuntes e trabalhadores de rua, os mendigos da Praça, impulsionados por um instinto gregário, expressavam um sentido de comunidade ao participarem da memoráveis práticas festivas, com base em uma politização estética.

Além dos sentidos da visão, da escuta, do gosto, do olfato, este estudo sugere o retorno a uma história relativa ao organizar de práticas espaciais a partir de “relatos do tato”. Além de uma apreensão cinestésica, esta experiência do comum ocorre, através do tato enquanto um

saber sensível, fundamental e primitivo na criação de uma estética espacial que guiava o organizar das práticas urbanas na “praça da igreja”.

Os resultados encontrados neste estudo alertam sobre os desafios lançados aos habitantes e aos gestores das cidades em torno de uma cultura sensível, enquanto uma possibilidade de conhecimento do meio urbano. Esta sensibilidade amplia as formas de compreensão, inclusive histórico, sobre como os sujeitos vivem, produzem e organizam o espaço habitado.

Enfatizamos, por fim, a importância desse estudo em termos de formulação de políticas públicas que tenham como foco o resgate de espaços urbanos através das práticas de “revitalização”, ou “requalificação”, na tentativa de ocupar ou “ressignificar” os lugares das cidades.

## Referências

- BALDRY, C. SPACE - the final frontier, **Sociology**, 33, 1999, 535-553
- BARROS, A.; CARRIERI, A. de P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. **Revista de Administração de Empresas – RAE**, v. 55, n. 2, São Paulo, 2015, 151-161.
- BAVINTON, N. From obstacle to opportunity: parkour, leisure and the reinterpretation of constraints. **Annals of Leisure Research**, v.10, issue 3-4, 2011, 391-412.
- BELL, E.; DAVISON, J. Visual Management Studies: Empirical and Theoretical Approaches. **International Journal of Management Reviews**, v. 15, n.2, 167-184, 2013.
- BEYES, T.; STEVAERT, C. Spacing organization: non-representational theory and performing organizational space. **Organization**, v. 19, n.1, 2012, 45–61.
- BOLLE, W. O Brasil jagunço: retórica e poética. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v. 44, 2007, 141-158.
- BORGES, C. M. **Escravos e libertos nas irmandades do rosário**: devoção e solidariedade em Minas Gerais, Séculos XVIII e XIX. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.
- CAMPOS, E. **As irmandades religiosas do Ceará provincial**: apontamentos para sua história. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1980.
- CARRARD, R. History as a kind of writing: Michel de Certeau and the Poetics of Historiography. **The South Atlantic Quarterly**, v. 100, n. 2, 2001, 465-482.
- CARRIERI, A. de P.; MURTA, I. B. D.; TEIXEIRA, J. C.; SOUZA, M. M. P de. Estratégias e táticas empreendidas nas organizações Familiares do mercadão de Madureira (Rio de Janeiro). **Revista de Administração Mackenzie – RAM**, v.13, n. 2, São Paulo, Mar./Abr. 2012, 196-226.
- CARRIERI, A. de P.; PERDIGÃO, D. A.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de Administração - RAE**, São Paulo, v. 49, n. 4, out./nov./dez. 2014, 698-713.
- CERTEAU, M. de. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- CERTEAU, M. de. **The practice of everyday life**. University of California Press, LTD, 1984.
- CONLEY, V. A. Processual practices. **The South Atlantic Quarterly**, v. 100, n. 2, 2001, 483-500.
- COOPER, R. The open field. **Human Relations**, v. 29, n. 11, 1976, 999-1017.
- CZARNIAWSKA, B. **A tale of three cities**. Or the glocalization of city management. New York: Oxford University Press, 2002.

- CZARNIAWSKA, B. **A narrative approach to organization studies**. London: Sage Publications, 1998.
- DALE, K. Building a Social Materiality: Spatial and Embodied Politics in Organizational Control, **Organization**, v. 12, n. 5 2005, 649–78.
- DALE, K.; BURREL, G. **Spaces of Organization and the Organization of Space**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008.
- DYMOND, D. **Writing local history**. A practical guide. London: Bedford Square Press, 1981.
- DRISCOLL, C. The moving ground: locating everyday life. **The South Atlantic Quarterly**, v. 100, n. 2, 2001, 381-398.
- DURAN, M. C. G. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, 2007, p. 115-128.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. In **RUA. Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade**, UNICAMP – NUDECRI – v. 9, 2003, 101 - 127.
- EWENSTEIN, B.; WHYTE, J. Beyond words: Aesthetics knowledge and knowing in organizations'. **Organization Studies**, v. 28, n. 5, 2007, 689-708.
- FLEMING, P.; SPICER, A. You can checkout anytime, but you can never leave': spatial boundaries in a high commitment organization, **Human Relations**, v. 57, n. 1, 2004, 75-94.
- FORTALEZA NOBRE. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/>. Acessado em 10/09/2014.
- GAGLIARDI, P. (Eds.). **Symbols and Artifacts: Views of the Corporate Landscape**. Berlin: de Gruyter, 1990.
- GIARD, L. Momentos e lugares. In CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Morar e cozinhar. Petropolis, RJ: Vozes, 2012.
- GONDIM, L. M. P. **O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade**. São Paulo: Annablume, 2007.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALFORD, S. Towards a sociology of organizational space. **Sociological Research Online**, v. 9, n. 1, 2004, 1–23.
- HALFORD, S. Hybrid workspace: Re-spatialisations of work, organisation and management. **New Technology, Work and Employment**, v. 20, n. 1, 2005, 19–33.
- HERNES, T. Organization as evolution of space. In CZARNIAWSKA, B.; SEVÓN, G. (eds), **The Northern Lights: Organization Theory in Scandinavia**. Malmö: Liber, 2003.
- HOSKINS, W.G. **Fieldwork in local history**. London: Faber and Faber Limited, 1967.
- IPIRANGA, A. S. R. A Imagem Fotográfica como uma Questão de Método. In CONGRESSO BRASILEIRO DE ES/TUDOS ORGANIZACIONAIS. **Anais...** Porto Alegre, out. 2016.
- IPIRANGA, A. S. R.; LOPES, L.L.S. A Epistemologia do Campo Aberto e o Organizar das Práticas de Espaço. In CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS. **Anais...** Porto Alegre, out. 2016.
- IPIRANGA, LOPES, L. L. S.; SOUZA, E. M. A experiência estética nas práticas culinárias de uma organização gastronômica. **Organizações & Sociedade** (Online), v. 23, 2016, p. 191-210.
- IPIRANGA, A. S. R. A cultura da cidade e seus espaços intermediários. **Revista de Administração Mackenzie – RAM**, v. 11, n. 1, 2010, 65-91.
- IPIRANGA, A. S. R.; FELIX, W. J. S.; CAMPOS, E. M.; CAMPOS, S. H. B. Um passeio no espaço e no tempo: o desvelar da identidade da cidade de Fortaleza através da antropologia visual. In COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE PODER LOCAL. 10. **Anais...** Salvador, dez. 2006.
- KANT, I. **Crítica da faculdade do juízo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

- LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1974.
- MAFFESOLI, M. **A transfiguração do político**. A tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MAYOL, P. Morar. In CERTEAU, M de. **A invenção do cotidiano**. Morar e Cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MARQUES, J. P. **Festas de negros em Fortaleza**: territórios, sociabilidades e reelaborações (1871-1900). Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.
- MARINS, S.; IPIRANGA, A. S. R. Práticas Espaciais Ampliadas: um estudo entre uma organização e suas circunvizinhanças. In: XXXIX ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL EM PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, **Anais....**Belo Horizonte. 2015.
- MENEZES, A. B. de. **Descrição da cidade de Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC; Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1992.
- MUNRO, I.; JORDAN, S. Living Space at the Edinburgh Festival Fringe: Spatial Tactics and the Politics of Smooth Space. **Human Relations**, 2013.
- MURTA, I. B. D.; SOUZA, M. M. P. de. CARRIERI, A. de P. Práticas discursivas na construção de uma gastronomia polifônica. **Revista de Administração Mackenzie - RAM**, v. 11, n. 1, Jan/Fev, 2010, 38-64.
- NOGUEIRA, J. **Fortaleza Velha**: crônicas. 2 ed. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.
- ORLIKOWSKI, W. J. The sociomateriality of organisational life: considering technology in management research. **Cambridge Journal of Economics**, v. 34, 2009, 125-141.
- OLIVEIRA, I. B.; SGARBI, P. A invenção cotidiana da pesquisa e de seus métodos **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 98, jan/abr., 2007, 15-22.
- PEIRANO, M. **A teoria vivida e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- PEREIRA, A. B. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Fortaleza, antiga Irmandade dos Homens Pretos, e suas ressignificações atuais. **Dissertação (Mestrado)**, Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.
- PRIORE, M. Del. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- QUINTÃO, A. A. **Irmandades negras**: outro espaço de luta e resistência (São Paulo 1870-1890). São Paulo: FAPESP, 2002.
- SCARANO, J. **Devoção e escravidão**: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no distrito Diamantino no século XVIII. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.
- SILVA, A., R., L da. CARRIERI, A. de P.; JUNQUILHO, G. S. A estratégia como prática social nas organizações: articulações entre representações sociais, estratégias e táticas cotidianas. **Revista de Administração - RAE**, São Paulo, v.46, n.2, abr./maio/jun. 2011, 122-134.
- SILVA, J. B. da. **Nas trilhas da cidade**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Ceará, 2005.
- SILVA FILHO, A. L. M. **Rumores**: a paisagem sonora de Fortaleza (1930-1950). Fortaleza: Museu do Ceará, secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- SERRES, M. **Os cinco sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SMITH, M. M. **Sensing the past**. Seeing, hearing, smelling, tasting, and touching in history. University of California Press, 2007.
- SOUZA, M. de M. E. **Reis negros no Brasil escravista**. História da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte, Humanitas, 2002.
- STRATI, A. Aesthetic understanding of organizational life. **Academy of Management Review**, v. 17, n. 3, 1992, 568-581.
- STRATI, A. **Organização e estética**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

- TAYLOR, S.; SPICER, A. Time for space: A narrative review of research on organizational spaces. **International Journal of Management Reviews**, v. 9, n. 4, 2007, 325–346.
- TERDIMAN, R. The marginality of Michel de Certeau. **The South Atlantic Quarterly**, v. 100, n. 2, 2001, 399-421.
- TEIXEIRA, M. C. **A forma da cidade de origem portuguesa**. São Paulo: Editora UNESP, Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 2012.
- TUAN, Y. F. **Space and Place**. The Perspective of Experience. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.
- YANOW, D. Space stories: studying museum buildings as organizational spaces while reflecting on interpretive methods and their narration. **Journal of Management Inquiry**, v. 7 1998, 215– 239.
- VELHO, G. (Org.) **Antropologia urbana**. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- WAPSHOTT, R.; MALLETT, O. The spatial implications of homeworking: A Lefebvrian approach to the rewards and challenges of home-based work. **Organization**, v. 19, n. 1, 2012, 63–79.
- WARREN, S. Empirical challenges in organizational aesthetics research: towards a sensual methodology, **Organization Studies**, v. 29, n. 4, 2008, 559–580.
- WARREN, S. Visual methods in organizational research. In BUCHANAN A;
- WOOD, A. J. Russel. **Escravos e libertos no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2009.